



Resenha do livro “Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news”

Review of the book “Post-truth: The new war against facts in times of fake news”

Silvandro Gabriel Andrade de Sousa
Jamilly Cristina Leão Paixão
Márcia Campos de Jesus
Jonas Felipe Silva de Souza
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém/PA - Brasil

Resumo

O livro “Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news” foi publicado no 05 de maio de 2018 pelo jornalista Matthew D’Ancona, colunista no jornal *The Guardian* e colaborador dos jornais *London Evening Standard*, *International New York Times*, e da revista GQ. A obra foi publicada no Brasil pela Faro Editorial e traduzida por Carlos Szlak. Discorre sobre a origem do neologismo “Pós-verdade” e como ele reverberou em campanhas políticas na sociedade contemporânea, a exemplo da eleição do presidente norte-americano Donald Trump e da saída do Reino Unido da União Europeia em 2016.

Palavras-chave: Pós-verdade; guerras culturais

Abstract

The book “Post-truth: The New War on Facts in the Age of Fake News” was published on May 5, 2018 by journalist Matthew D’Ancona, a columnist for *The Guardian* and a contributor to the *London Evening Standard*, *International New York Times*, and GQ magazine. The book was published in Brazil by Faro Editorial and translated by Carlos Szlak. It discusses the origin of the neologism “Post-truth” and how it has reverberated in political campaigns in contemporary society, such as the election of US President Donald Trump and the United Kingdom’s exit from the European Union in 2016.

Keywords: Post-truth; culture wars

Introdução

O livro “Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news” foi publicado no 05 de maio de 2018 pelo jornalista Matthew D’Ancona, colunista no jornal *The Guardian* e colaborador dos jornais *London Evening Standard*, *International New York Times*, e da revista GQ. A obra foi publicada no Brasil pela Faro Editorial e traduzida por Carlos Szlak. Discorre sobre a origem do neologismo “Pós-verdade” e como ele reverberou em campanhas políticas na sociedade contemporânea, a exemplo da eleição do presidente norte-americano Donald Trump e da saída do Reino Unido da União Europeia em 2016.

Há na obra um paralelo entre a história do Brasil e os acontecimentos ocorridos nos Estados Unidos em 2016, como a eleição do presidente Trump. Mostra-se que o fenômeno sociológico da “pós-verdade” se faz presente na história do Brasil, com os editores mencionando referências da cultura do país, como a célebre peça “O auto da compadecida” de Ariano Suassuna. A analogia mostra que “reescrever” os fatos para beneficiar alguém está intrinsecamente presente no imaginário coletivo brasileiro.

O jornalista Matthew D’Ancona estimula os leitores a pensarem sobre a temática abordada no livro, a exemplo do trecho “Se, de fato, vivemos em uma era de pós-verdade, onde estão as suas raízes?” Sob essa ótica, discorre algumas de suas vivências que resultaram no livro, como a percepção a respeito da popularidade do presidente Donald Trump entre os jovens. Ademais, observa-se que D’Ancona utiliza um texto do escritor George Orwell para demonstrar que o conteúdo proposto sobre a relativização da verdade ainda continua atual no século XXI.

Capítulo 1: “Quem se importa?”: A chegada da era da Pós-verdade

O primeiro capítulo inicia-se com a frase “Para tudo há um tempo”, utilizada para mostrar que a ascensão do fenômeno sociológico da “pós-verdade” começou em 2016 e segue na linha de acontecimentos que impactaram a humanidade, como a queda do totalitarismo no século passado. Nessa lógica, Matthew D’Ancona relata ao longo do capítulo como a eleição do presidente norte-americano Donald Trump e a saída do Reino Unido da União Europeia tornaram o terreno fértil para a banalização da pós-verdade na sociedade contemporânea.

Observa-se que o autor apresenta as tentativas de Donald Trump de reescrever os fatos no seu processo eleitoral e após ganhar as eleições, por exemplo quando ele afirmou na sua primeira entrevista coletiva como presidente que foi o representante político mais bem

votado desde Ronald Reagan e, depois de ser desmentido sobre isso, tentou fugir das perguntas dos jornalistas sobre o assunto. Ou seja, Trump de maneira incisiva deseja vender fatos alternativos para as pessoas com o intuito de criar uma imagem mitológica na história dos Estados Unidos. Dessa forma, é nítido que o presidente sabe da importância da sua imagem pública e das narrativas que giram em torno dela para ganhar o apoio das pessoas.

Verifica-se que o autor também aborda a saída do Reino Unido da União Europeia, que se assemelha ao acontecimento ocorrido nos EUA no mesmo ano. Sendo assim, nota-se que, por mais que fosse vantajoso para os ingleses permanecer na União Europeia, o apelo pelo Brexit foi intenso devido à criação de narrativas que afetaram emocionalmente a sociedade inglesa, tal fato exemplifica-se nos argumentos sobre controle da política de imigração, em que o imigrante foi caracterizado como uma figura pejorativa, que a sociedade inglesa deveria impedir a entrada dele nos países que compõem o Reino Unido, ou seja, houve a incitação do sentimento de xenofobia por parte dos apoiadores do Brexit.

No capítulo “‘Quem se importa? ’: A chegada da era da pós-verdade”, o autor fez alusão a uma frase pronunciada por Trump ao seu mordomo. Essa estratégia visa instigar a curiosidade do leitor sobre as origens, causas, consequências e empecilhos da era da pós-verdade na sociedade contemporânea. Ademais, o autor enfatizou os aspectos políticos empregados para desenvolver o raciocínio sobre o neologismo “pós-verdade”. Essa atitude auxiliará ao leitor na compreensão de que, atualmente, a transparência não é a regra para conquistar a vitória numa eleição, sim, a distorção e reescrita de narrativas que beneficiam determinado grupo político.

Capítulo 2: “você não é capaz de lidar com a verdade! ”: As origens da era da Pós-verdade.

Ao longo do capítulo, D’Ancona discorre acerca da conceituação da pós-verdade, e do enfraquecimento do valor crítico da sociedade, na qual é um mecanismo de força para a sua disseminação, porque percebe-se que está cada vez mais normalizado em setores que certas informações deveriam ser incontestáveis. O autor cita um enunciado chocante: “O povo deste país está farto de especialistas” - uma afirmativa contundente para o enredo da pós-verdade, que desempenha o papel de descredibilização a pessoas que estão capacitadas em determinado assunto, justamente para quebrar a lógica de desinformação e propagar verdades e fatos, mais significativa ainda quando quem proferiu essa narrativa foi o Secretário

britânico de Justiça, que postula estar se referindo a subcategorias de especialistas, colocando como parte as ciências sociais, a psicologia e várias outras ciências que tratam sobre esse aspect; e dentro desse próprio cenário a discussão infinda do que é considerado ciência ou não, do que um saber válido ou não. Sob essa ótica, pode-se dizer que pessoas com essa mesma forma de pensar consideram mais “fácil” acreditar e propagar desinformação, fake news e usufruir de pós-verdades do que credibilizar as ciências sociais e as humanas.

Um dos pontos importantes a se destacar no capítulo sobre a “origem” da pós verdade é o colapso da confiança tanto em indivíduos quanto na sociedade. Sendo a confiança um valor fundamental para a sobrevivência do ser humano, e a prosperidade coletiva tem-se uma consequencia antiética da disseminação de fake news. No cenário da pós-verdade somente importa a acumulação de capital, ou seja: tudo gira em torno do sistema capitalista neoliberal de alto consume.

D’Ancona questiona como confiar em um sistema econômico que faliu para grande maioria como uma fonte segura de prosperidade? Na esteira da desconfiança está o descrédito aos políticos e aos partidos políticos que colocam as necessidades gerais das sociedades abaixo de seus próprios interesses. Ambos “esquecem” que não se trata só deles e sim da humanidade, dos eleitores que os colocaram no cargo de poder. O autor conclui que com o fracasso institucional se diminui a priorização da verdade, contribuindo com a indústria poderosa da desinformação, da falsa ciência que atuam a favor de grupos.

A revolução digital é outro vetor da industria da desinformação. O autor expõe um enunciado bastante interessante, “A web é o espelho da humanidade”. A web é composta por todos nós, é uma rede de pessoas, e por mais absurdos que sejam as informações propagadas ali, não fogem muito da realidade. Na web são escancaradas opiniões normalizadas por alguns e pelas próprias plataformas que difundem informações, sem um protocolo de fiscalização, em consequência a falta dela amplia, por exemplo a disseminação de ideologias neonazistas nas plataformas livremente acessadas por todos, inclusive por pessoas vulneráveis, como crianças. A ausência da verificação de conteúdos favorece o colapso da verdade da informação.

A grande difusão de conteúdos na web permitiu e acentuou a proliferação de fake news, ao juntar grupos de pessoas com interesse comum que se estende dos absurdos ao criminoso. Conjuntamente são criados grupos virtuais que foram redes de apoio que levam também conforto as pessoas a quem são dirigidos ataques e mentiras que afetam a honra e

a saúde.

Na web e suas derivadas tecnologias o mecanismo do algoritmo cria bolhas específicas de conteúdo e interesses; que, por vezes leva a frustração das pessoas quando confrontadas à realidade. O algoritmo é uma estrutura que nos envolve em uma “realidade ilusória”, base de frustrações pela crença de que tudo que é publicado na web é verdade e realidade para todos. Com o direcionamento do algoritmo para a visita a sites e redes sociais, certas pessoas se sentem tão confortáveis em propagar o ódio, o que atinge e impulsiona o fenômeno da pós-verdade, e a aceitação de “verdades” ou informações que nos convenham, que muitas vezes são baseadas em ideologias, crenças e opiniões pessoais. Sustentada pelo algoritmo se forma uma rede voltada para o conteúdo que impulsionam a congregação com ideais semelhantes e nichos difusores de notícias falsas e ambiente para pós-verdade.

Capítulo 3: conspiração e negação: Os amigos da pós-verdade.

O tópico se aprofunda na análise sobre como o papel das teorias da conspiração e movimentos negacionista moldam e sustentam a era da Pós-verdade. Essas práticas não são apenas resultado da desinformação, mas também refletem dinâmicas sociais e psicológicas que tornam a verdade objetiva menos relevante em debates públicos. O autor destaca que tanto as teorias conspiratórias quanto o negacionismo encontraram um terreno “fértil” na era da pós verdade, em que emoções e crenças pessoais tem mais peso do que evidências concretas. Essa dinâmica enfraquece o público, etambém ameaça a democracia e a capacidade da sociedade de lidar com os problemas globais.

Teorias da conspiração na era pós-verdade se caracterizam pela disseminação de informações falsas ou distorcidas, muitas vezes com objetivo de manipular opiniões públicas. D’Ancona argumenta que elas prosperam em ambientes de desconfiança generalizada nas instituições tradicionais, como governos, mídia e ciência. Antes da era digital as teorias da conspiração eram limitadas a grupos específicos e mídias alternativas, hoje a internet democratizou permitindo que narrativas marginalizadas alcance milhares de pessoas, como os que negam as mudanças climáticas ou os que acreditam que a Terra é plana.

As teorias falsas, frequentemente propagadas pelas redes sociais, criam comunidades que reforçam as crenças compartilhadas, mesmo quando desmentidas por evidências. O movimento antivacina é um exemplo de teorias conspiratórias citadas no livro, definindo as vacinas como desnecessárias, já que trariam efeitos colaterais como o autismo.

O autor relaciona o negacionismo a recusa deliberada de aceitar fatos amplamente

comprovados, para sustentar as posições de grupos e confundir a opinião pública. Essas práticas não são inofensivas, pois, tem impactos concretos na saúde pública, nas políticas globais e nos debates científicos. O capítulo traz como exemplo o negacionismo do holocausto, minimizando a ocorrência do genocídio sistemático de seis milhões de judeus e milhões de outras vítimas durante a Segunda Guerra Mundial.

D’Ancona conclui com um apelo a valorização do pensamento crítico e a educação como ferramentas fundamentais para combater a desinformação. Ele enfatiza que a reconstrução da confiança nas instituições é essencial para resistir a influência corrosiva dessas práticas. O capítulo oferece uma reflexão importante sobre os perigos da relativização da verdade e a necessidade de promover uma cultura de respeito aos fatos.

Este capítulo é essencial para entender como as mudanças tecnológicas, sociais e culturais estão alterando a forma como a verdade é percebida, e como isso impacta a política, a sociedade e a comunicação global. A leitura é também importante para compreender como a pós verdade afeta o mundo contemporâneo, servindo como um alerta contra os riscos de uma sociedade que negligencia a objetividade em favor de narrativas conveniente.

Capítulo 4: O colapso da pedra filosofal: Pós-modernismo, ironia e a era da Pós-verdade.

Situa uma visão panorâmica sobre pessoas “supereducadas” e “pessoas comuns”, implicitamente, classificando os tipos de conhecimentos em científicos e do senso comum. No decorrer do capítulo, o autor expõe, de modo simples e preciso, a visão dos pensadores pós-modernos como Michel Foucault e Richard Rorty, dentre outros, que proferem que é necessário a sociedade prestar atenção nas pluralidades dos seres, questionar e desconstruir a linguagem, e as formas de poder. Para esses autores, as ideias de cultura e linguagem são construções sociais. D’Ancora afirma que estas ideias já foram discutidas por filósofos clássicos.

O autor expõe uma visão crítica da era contemporânea, lembrando que o excesso de informações, implica a perda do sentido dos conteúdos, nitidamente fragmentados em diversas partes. Ao longo do texto cita Lyotard, que comenta a importância das ciências naturais, como a física no desenvolvimento das informações, e Baudrillard, que critica a relativização dos conceitos de falso e de verdadeiro.

D’Ancona indaga, sobre o que a pessoa vai fazer depois que recebe, e até quando produz uma notícia falsa, pois todas elas são perigosas para a sociedade, independentemente

do grau do conteúdo. Também faz analogia entre a obra de George Orwell de 1984 com a pós-verdade.

Capítulo 5: “O fedor das mentiras”: Estratégias para derrotar a Pós-verdade.

O capítulo começa com uma história sobre um raio que atinge a China e que o imperador da época pensa nesse acontecimento como um mal presságio. Nesse cenário, ele toma algumas medidas, como proibição do comércio chinês, a qual isolou o país e isso mostrou o quanto um pensamento, quando não questionado, se estabelece na mentalidade coletiva. Sob esse prisma, o texto retrata a principal forma de comunicação da pós-verdade, a qual é a infraestrutura moderna, e a obra questiona: o que fazer com essas estruturas que podem ser mudadas? Essa reflexão retrata a importância das novas tecnologias e da atuação coletiva.

D’Ancona reforça a necessidade de ensinar as crianças a serem críticas quanto as informações, mostrando a preocupação quanto a exposição midiática. Além disso, reforça o crescente avanço do mundo digital, e a postura da geração atual de qualificar os livros físicos como antiguidades, além de ter reduzida leitura dos mesmos. Ele mostra que é necessário analisar as informações antes de reproduzi-las.

O autor apresenta um caso que ilustra um episódio de difamação envolvendo o Facebook, o qual mostra como as notícias falsas são perigosas. Essa perspectiva traz as consequências da pós-verdade, claramente negativas, e alguns contornos midiáticos seus impactos sociais. Dentre as empresas trazidas no texto, a BBC, o Google e o Facebook organizam projetos para diminuir as fake News. D’Ancona alerta que a notícia falsa não busca a verdade, mas a emoção do público. Ademais, o algoritmo ajuda a disseminar informações, pois esse se adequa para o sujeito: se esse só consome notícias falsas, proporcionadas pela pós-verdade no mundo globalizado e industrial, ele ficará preso em uma “bolha” digital nas redes sociais. A propósito, o autor ainda retrata o papel dos robôs que se passam por humanos para disseminar informações; como as empresas e o algoritmo contornam esse tipo de ação no meio digital e enfatiza a importância da inteligência artificial como uma arma eficaz para combater esse problema.

D’Ancona enfatiza a eficácia de uma formação profissional atenta em relação às notícias falsas, principalmente entre médicos e cientistas, que devem entender realmente o que descobrem e o que os dados significam, além de explicar de maneira que as pessoas apreendam e reflitam. O autor fala da distração e da atenção, a primeira pode ser inimiga da

verdade, e a outra deve ser ensinada; basicamente todo o capítulo gira em torno desses pontos: combate as notícias falsas, papel das mídias e empresas, papel dos cientistas e mudança de comportamento social em relação às informações.

No decorrer do capítulo o autor comenta várias vezes durante o texto sobre o presidente Trump, fazendo relação das ações dele na mídia com as fake news, e com a verdade, isso de forma clara e, de alguma forma, aleatória, porém coesa. Todo o texto vai sendo construído com base em conhecimentos que vão desde questões políticas de países específicos, até questões socio-culturais, tudo para ilustrar a participação e relativização da realidade da pós-verdade. O autor fala que atualmente as pessoas se acostumaram com as muitas mentiras contadas e que se tornaram indiferentes a elas.

Conclusão:

A obra escrita por Matthew D’Ancona é imprescindível para as pessoas compreenderem que a pós-verdade assola o corpo social em diversos setores, como a política e a vida cotidiana. O jornalista britânico destaca ao longo de todo o livro a importância da consciência crítica e da elaboração de protocolos institucionais de controle e verificação das fake news. Conclui-se que a leitura da obra colabora para o esclarecimento dos jogos políticos globais, e nos convida a refletir e a desenvolver a criticidade acerca das informações obtidas por meio da web e das mídias sociais. Afinal, como o próprio autor discorre no primeiro capítulo, há o declínio da valorização do conceito de verdade nos processos políticos atuais e que “não há fatos, apenas interpretações”, como proferiu o filósofo alemão Friedrich Nietzsche.

Referência

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news.** Tradução de Carlos Szlak, 1ed. Barueri: Faro Editorial, 2018.

Sobre os autores

Silvandro Gabriel Andrade de Sousa

Graduação em Psicologia na UFPA – Belém/Pará E-mail:silvandro.sousa@ifch.ufpa.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-4353-0719>

Jamilly Cristina Leão Paixão

Graduação em Psicologia na UFPA – Belém/Pará. E-mail: jamilly.paixao@ifch.ufpa.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3451-9673>

Resenha do livro “Pós-verdade: A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news”

Márcia Campos de Jesus

Graduação em Psicologia na UFPA – Belém/Pará. E-mail:marcia.jesus@ifch.ufpa.br
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2589-4117>

Jonas Felipe Silva de Souza

Graduação em Psicologia na UFPA – Belém/Pará. E-mail:souzajonASFelipe5@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0985-0494>

Recebido em: 12/03/2025

Aceito para publicação em: 18/03/2025